

Portugal vira um bocadinho à direita e muito à extrema-direita

Por Ricardo Alexandrem, jornalista, editor Internacional da rádio TSF

Foi uma noite longa para os dois maiores partidos portugueses. E ainda falta chegar o resultado dos votos dos portugueses que exercem o seu dever cívico a partir dos círculos eleitorais da emigração, permitindo a distribuição dos últimos quatro mandatos parlamentares (dois pela Europa e dois fora da Europa).

Mas, na verdade, o vencedor cedo foi encontrado. O grande vencedor desta noite eleitoral portuguesa ficou... em terceiro. Foi o Chega, uma formação de direita radical populista, liderada por André Ventura, na linha de Santiago Abascal, Marine Le Pen, Milei, Trump ou Bolsonaro. A sua bancada quadruplicou: de 12 para 48 deputados, mais de um milhão de votos, 18% do total. A formação ultra esbraceja agora como pode para ser ouvida pelo PSD, partido do centro-direita que venceu a eleição por cinquenta mil votos (ainda sem os tais votos da emigração serem considerados) na liderança coligação Aliança Democrática e cujo líder, Luís Montenegro, será chamado a formar governo pelo presidente da república, Marcelo Rebelo de Sousa, após ter conquistado 29% dos votos, menos de um ponto percentual acima dos socialistas, que saem do poder após nove anos e a substituição de António Costa por Pedro Nuno Santos.

Que cenários de governabilidade?

A vitória de AD e de Luís Montenegro (79 deputados eleitos) é frágil mas o líder do centro-direita, no discurso de vitória e respondendo a perguntas dos jornalistas, assumiu que não fará qualquer acordo com o ultra direitista Ventura. Resta-lhe a possibilidade de um acordo de incidência parlamentar com a Iniciativa Liberal (quarto partido mais votado), mas que ainda assim deixa a coligação vencedora bem longe dos 116 deputados que garantem maioria parlamentar.

Na oposição, o Partido Socialista (77 deputados) não aprovará nenhuma moção de rejeição mas também exigirá - já o disse - que não aceita que seja apresentada uma moção de confiança, permitindo deste modo que Montenegro comece a governar sem precisar do apoio do radical Ventura. Mas quando for apresentado no Outono o Orçamento do Estado para 2025 (ou um orçamento retificativo ainda este ano) a música será outra. Mas, nessa altura, os socialistas terão de perceber se faz sentido derrubar um governo com poucos meses em funções e que estará a gerir um estado forrado de dinheiro (por via do plano europeu de recuperação e resiliência) e com as contas certas.

Portugal tem, a partir de agora, uma extrema-direita forte, cujo crescimento foi alimentado por António Costa, que, ao longos dos últimos anos, tratou o Chega como principal partido da oposição para apoucar, de forma sistemática, aquele

que era então o segundo maior partido, o PSD. Ambos - socialistas e sociais-democratas, ignoraram o capital de crescimento do Chega junto de um eleitorado esquecido, principalmente no meio rural, cujas expectativas de melhoria de vida não foram atendidas, locais onde os serviços públicos não funcionam, gente intoxicada com a doutrina anti-sistémica. Isto para além de uma juventude seduzida pela presença líder do Chega em redes sociais como o Tik Tok. O partido de Ventura, que passou de deputado único para doze em 2022 o que se traduziu num aumento só comparável à consequente perda de qualidade média, multiplica agora por quatro a sua presença. Teme-se o pior. Nas sarjetas da política, há um alvoroço: “chegou a nossa vez”, berram. Porque a experiência mostra que não sabem exprimir-se de outro modo.